



○ SOM DO SILÊNCIO: A ARTE DE CALAR-SE NOS SERMÕES EM JÓ DE JOSEPH CARYL

Josaias Ribeiro Jr.¹

RESUMO: Joseph Caryl (1602–1673), ministro puritano e membro da Assembleia de Westminster, pregou por mais de vinte anos no livro de Jó. Entre os muitos tópicos tratados em seus sermões, um dos temas recorrentes é a sabedoria no uso das palavras e do silêncio com o próximo. Examinando sermões selecionados em que Caryl trata deste tópico, o autor propõe que encontramos três subtemas gerais que refletem a opinião do puritano sobre o assunto: o silêncio como respeito, o silêncio como virtude, e o silêncio como conforto. Com isso, busca-se apresentar Caryl em seu contexto histórico, atuando como pastor e conselheiro.

PALAVRAS-CHAVE: Puritanismo; Assembleia de Westminster; Teologia Pastoral; Aconselhamento; Jó.

INTRODUÇÃO

Embora relativamente desconhecido em nossa época, o ministro puritano Joseph Caryl (1602–1673) foi uma figura ativa durante a Guerra Civil Inglesa. Como membro da Assembleia de Westminster, Caryl não apenas se envolveu nos esforços para criar uma nova confissão de fé para a Igreja da Inglaterra, como também se dedicou a outras atividades promovendo suas convicções reformadas durante a Guerra Civil Inglesa. Foi designado pelo Parlamento para examinar candidatos ao ministério e atuou como censor literário, concedendo sua aprovação (ou reprovação) a obras teológicas antes de serem publicadas.² Caryl

¹ O autor é bacharel em Comunicação Social pela Universidade de Brasília; bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília; Mestre em Teologia (ThM) pelo *Westminster Theological Seminary*; Doutor em Teologia pelo *Westminster Theological Seminary*. Professor na FITREF, Seminário Presbiteriano de Brasília e Instituto Reformado de São Paulo.

² CARYL, Joseph. *An Exposition with Practical Observations upon the Book of Job*, London: R. Royston, 1666; Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2001, Introduction. As páginas da

esteve ao lado do Rei Carlos I durante seus últimos dias, incluindo o momento de sua execução, e foi nomeado por Oliver Cromwell para ministrar junto ao exército durante a invasão da Escócia.³

À época de sua morte, Joseph Caryl foi homenageado com não apenas uma, mas pelo menos três elegias públicas que descreviam sua vida e obra em termos grandiloquentes.⁴ Hoje, contudo, sua memória persiste precariamente em suas exposições do livro de Jó.⁵ Entretanto, a fama desses sermões se dá menos por sua clareza expositiva ou impacto pastoral e mais como curiosidade histórica. Sua longa série de pregações em Jó é vista como uma excentricidade, os esforços de um clérigo obsessivo que consumiu mais de vinte anos e cerca de 10 mil páginas pregando sobre o livro de Jó e, possivelmente, entediando sua comunidade.

Pregadores respeitáveis como Charles Spurgeon perpetuaram a ideia de que a audiência de Caryl foi aos poucos diminuindo, passando de oitocentos a oito ouvintes no decorrer de sua série expositiva.⁶ Contudo, é quase certo que essas histórias são exageradas, por alguns motivos: primeiro, Caryl pregou em três diferentes congregações, o que significa que seus ouvintes não eram necessariamente os mesmos.⁷ Em segundo lugar, após o Ato de Uniformidade e a Grande Ejeção (1662), é compreensível que parte de sua audiência decidiu permanecer na Igreja da Inglaterra enquanto ele organizava uma nova congregação independente. Por fim, há um registro de que ele pregou para quinhentas pessoas no fim da vida.⁸

Ainda assim, é inegável que Caryl dedica tempo demais a assuntos que leitores modernos dificilmente considerariam importantes, como as festas dadas pelos filhos de Jó (e se elas são lícitas ou não) ou por que excremento produzido

Introdução do volume, escritas por Joel Beeke e Randall J. Peterson, não são numeradas. O mesmo acontece com os prefácios (*Letter to Reader*) de Caryl, que serão indicados como “prefácio” apenas.

³ GRIBBEN, Crawford. *John Owen and English Puritanism: Experiences of Defeat*. New York: Oxford University Press, 2016, p. 249.

⁴ “An Elegy on the Much Lamented Death of the Reverend Mr. Joseph Caryl ... Late Minister of the Gospel, Who Slept in the Lord the Threescore and Twelfth Year of His Age, and Was Interred the 25th of February, 1672 [i.e., 1673]”. *Early English Books Online* (ProQuest), acesso em 17 de setembro de 2023. <https://0-www-proquest-com.newlibrary.wts.edu/eebo/docview/2248516594/15610036/FF1628F03B2348BCPQ/21?accountid=15106>

⁵ CARYL, *op. cit.*, v. 1, introdução.

⁶ SPURGEON, Charles H. *Lectures to My Students: A Selection from Addresses Delivered to the Students of the Pastors' College*. London: Passmore & Alabaster, 1875, p. 100. Kendall sugere que milhares tornaram-se cinquenta em KENDALL, R.T. *In Pursuit of His Glory: My 25 Years at Westminster Chapel*. London: Hodder & Stoughton, 2002, p. 141. Perceba que o número de décadas duplicou no relato de Kendall.

⁷ CARYL, *op. cit.*, v. 1, introdução.

⁸ GORDON, Alexander. *Freedom after Ejection: A Review (1690–1692) of Presbyterian and Congregational Nonconformity in England and Wales*. Manchester: University Press; New York: Longmans, Green, 1917, p.232. Isso não significa que Caryl pregava em Jó e que se trata de sua congregação (embora seja provável). Em todo caso, este número de ouvintes é uma evidência de que ainda havia bastante interesse em ouvir o velho pregador.

por humanos é pior que sua contraparte animal. A fraqueza de Caryl, contudo, mostra-se também força, pois podemos vislumbrar em sua longa exposição bíblicas como ele usa as lentes das Escrituras para tratar uma variada gama de temas e subtemas do livro de Jó.

Se considerarmos quantas palavras foram dedicadas aos doze volumes de suas exposições, é quase irônico que um subtema desenvolvido por Caryl é o do silêncio e do abuso de palavras. Este é um tópico que surge no livro de Jó de muitas formas e em diferentes situações. Deus parece silencioso por quase toda a narrativa; por outro lado, a voz de Jó somente se cala no fim da história, diante do Criador. Os amigos do protagonista são famosos por suas palavras, mas o autor do livro registra que eles se calaram por dias. Assim, o silêncio é apresentado em muitas facetas, e Caryl meticulosamente trata do assunto sempre que possível. Um exame completo de todos estes momentos exigiria mais do que um artigo. Desta forma, este trabalho enfocará especificamente o silêncio no relacionamento entre seres humanos entre si. Há alguns sermões em que Caryl oferece um longo tratamento do uso das palavras, o que agrupamos em três pontos: o silêncio como respeito, o silêncio como sabedoria, e o silêncio como conforto. Deve-se notar que esta é uma divisão artificial, pois essas três categorias podem se sobrepor na exposição de Caryl. Ainda assim, são uma maneira didática de analisarmos a doutrina do pregador inglês.

1. SILÊNCIO E RESPEITO

Na introdução ao primeiro volume de sua obra, que também serve de apresentação à série de sermões, Joseph Caryl compara a Inglaterra a Jó. Ele afirma: “Este Livro de Jó carrega a imagem destes tempos e nos apresenta certa semelhança com a condição passada, presente e (muito esperada) futura desta Nação”.⁹ A Inglaterra era a nação mais gloriosa do Norte da mesma forma que Jó era “o maior [homem] de todos os do Oriente” (Jó 1.3). Isso significa que, da mesma forma que Jó se assentava à porta da cidade, julgava casos e proferia discursos de sabedoria (Jó 29.7-14), “as nações nos davam ouvidos e esperavam, e guardavam silêncio diante de nosso conselho”.¹⁰ Esta ideia é desenvolvida de forma mais completa nos sermões sobre o capítulo 29, em que Caryl argumenta que Jó era também um magistrado justo e reverenciado por seus governados. Esta reverência inclui saber quando ouvir e falar.

No capítulo 29, Jó defende sua retidão argumentando que era um membro fiel da sociedade, como evidenciado pelo testemunho público de seus companheiros príncipes e do restante do povo. Uma das características da reverência dada a Jó era o silêncio das outras autoridades. A Escritura diz: “os príncipes reprimiam as suas palavras e punham a mão sobre a boca; a voz dos

⁹ CARYL, *op. cit.*, v. 1, prefácio.

¹⁰ *Ibidem*.

nobres emudecia, e a sua língua se apegava ao paladar.” (Jó 29.9-10). Na opinião de Caryl, este versículo aponta para a importância e a sabedoria de Jó. Ele observa que “eles viam que o melhor era nada dizer quando seu Príncipe (que em todos os aspectos lhes era superior) estava presente”. Caryl chama também Jó de “Mestre das palavras e da razão... um Mestre das Assembleias”.¹¹ Assim, seus pares preferiam permanecer em silêncio. Esta passagem é importante porque Caryl sugere como os magistrados devem reagir em tempos de maldade e calamidade, um ponto que pode se referir à sua própria época. Ele declara:

Quando os tempos são tão maus que não suportam que o mal seja condenado, nem que o bem seja elogiado, é tempo para os prudentes se calarem. Pois, embora em alguns casos devamos dar nosso testemunho abertamente pela verdade e santidade, quer os homens o aceitem ou não, quer ouçam ou deixem de ouvir (...) não somos, no entanto, obrigados a fazê-lo em todos os momentos, mas podemos... nos preservar de uma geração perversa, simplesmente abstendo-nos de falar. (...) Geralmente, os mais apressados a falar são aqueles que têm menos razão para fazê-lo e que falam com menos sensatez.¹²

Sendo alguém familiarizado com debates políticos (e teológicos!), Caryl provavelmente assistiu a muitos discursos desnecessários. Ele observa que se abster de falar é fruto da graça, pois aqueles príncipes tinham domínio sobre suas línguas, uma característica que demonstra sabedoria e moderação. Usando Isaías 55.4, Caryl os define como testemunhas, líderes e governadores do povo, refletindo títulos que o próprio Cristo possui na passagem. O silêncio daqueles homens, assim, representava o bom uso da língua, não falta de iniciativa ou complacência. E, como na opinião de Caryl, “as ações dos regentes são regras de conduta”,¹³ isso significa que os súditos devem imitar a sabedoria de seus governantes:

O povo de Jó vinha a ele em busca de conselho, esperavam por ele e permaneciam em silêncio quando o recebiam. Aqui está o retrato de um bom príncipe e o retrato de um bom povo; o príncipe está dando conselho, e o povo está atento para recebê-lo. E posso acrescentar: aqui também está o retrato de um bom pastor, de um ministro piedoso e de um povo temente a Deus.¹⁴

A sabedoria extraída do mundo natural também é um dos argumentos de Caryl. O fato de que nossos corpos possuem dois ouvidos e apenas uma boca é um

¹¹ CARYL, *op. cit.*, v. 8, p. 492.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*, p. 497.

¹⁴ *Ibidem*, p. 587.

sinal do abuso da língua.¹⁵ A razão dessa insistência, afirma Caryl, é que “manter o silêncio expressa maior reverência aos que estão falando e agindo” que falar.¹⁶ Isso inclui os atos providenciais de Deus, como o castigo dos filhos de Arão e a libertação dos judeus da Babilônia. Estar calado confirma nossa submissão e confiança naqueles que estão acima de nós, como o próprio Yahweh.

Se permanecer em silêncio é sinal de reverência, como, então, podemos entender o fato de Jó demonstrar tamanha insistência em defender sua causa? Jó é repreendido pelo Senhor nos últimos capítulos do livro por algumas de suas palavras. Deus é a autoridade acima de todos e isso exigiria um discurso menos acalorado. Neste caso, Caryl entende que Jó vivia uma situação extraordinária e estava se defendendo das acusações de seus amigos. Situações extremas geram reações atípicas. Permanecer calado seria aceitar as acusações. Assim, Jó permanece um campeão da fé e da paciência. Ele não nega a imprudência de Jó em suas palavras, mas isso não diminui o caráter e a piedade do personagem bíblico. Caryl acrescenta: “Jó proferiu essas palavras em parte no calor de sua paixão, em parte devido à intensidade de sua dor, em parte por causa da fraqueza de sua carne, além de estar profundamente abalado e provocado pelas severas censuras de seus amigos.”¹⁷ Em conclusão, ele continua a ser contado “entre os homens que temiam a Deus; sim, no mais alto grau daqueles que o temiam”.¹⁸ A atitude piedosa de Jó é confirmada em nossa próxima seção.

2. SILÊNCIO COMO VIRTUDE

Embora Jó seja um livro conhecido pela paciência de seu protagonista, outros têm algo a dizer sobre o tema do sofrimento. A esposa de Jó lhe dá um conselho terrível, enquanto seus amigos são famosos por sua teologia e prática equivocadas. Em Jó 13.5, o próprio Jó lhes diz: “Tomara vos calásseis de todo, que isso seria a vossa sabedoria!”. Caryl expõe este versículo como se o homem estivesse dizendo: “Vocês não aliviaram em nada minha dor, nem resolveram minhas dúvidas, nem confortaram meu espírito (...) vendo que suas palavras são tão infrutíferas, eu desejaria que vocês ficassem mudos”.¹⁹ Caryl, Um homem que passou vinte e quatro anos escrevendo, sugere que o silêncio pode ser útil se não tivermos nada a dizer. Como isso é possível? Ao tratar dos amigos de Jó, o pregador responde essa pergunta.

Note-se antes que, em um dos sermões, Caryl deixa claro que não está propondo uma regra estrita, mas uma maneira de aplicar sabedoria e parcimônia quando necessário. Ele afirma: “Propriamente, não há sabedoria no silêncio. O silêncio é uma privação, pelo menos uma negação. Assim como a mudez é total, o

¹⁵ CARYL, *op. cit.*, v. 4, p. 6.

¹⁶ *Ibidem*, p. 12.

¹⁷ CARYL, *op. cit.*, v. 11, p. 638.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ CARYL, *op. cit.*, v. 4, p. 366.

silêncio é uma privação temporária da fala: mas a sabedoria é positiva, e entre os hábitos, o mais excelente hábito”.²⁰ Caryl não define o que entende por hábito aqui, mas pode significar mais do que prática repetida ou tendência (como entendemos hoje). No Escolasticismo Reformado, hábito é um conceito emprestado de Tomás de Aquino e Aristóteles, ligeiramente modificado pelos teólogos protestantes, significando um princípio sobrenatural ou virtude dada por Deus ao crente.²¹ Não precisamos examinar todos os detalhes do termo, pois esse não é o argumento de Caryl. No entanto, observe como ele apresenta a capacidade de permanecer em silêncio quando necessário. Ele escreve: “É uma boa lição aprender a não falar, assim como falar bem: a natureza nos ensina a falar, a arte nos ensina a falar bem; mas a virtude e a graça nos ensinam a não falar”.²² Em outras palavras, há uma gradação do bom falar: natureza, educação e dom. Novamente, este não é um tratamento completo do tema, mas mostra um ponto de contato entre Caryl e seus contemporâneos.

Alguns dos conselhos podem parecer óbvios, mas não devemos ignorar o fato de que Caryl é um puritano que acredita que somos “totalmente inclinados para todo o mal” (*Confissão de Fé de Westminster*, 4:4). Ele sabe que todo ser humano está sujeito à tentação e transgressão. Portanto, algumas reflexões no volume 9 abordam respostas ruins ao sofrimento dos outros. Em primeiro lugar, o cristão não deve sobrecarregar ainda mais aqueles que sofrem. O exemplo, claro, são os amigos de Jó que “o censuram” em vez de consolá-lo e chorar com ele. Eles repreendem Jó e trazem mais problemas, algo que Caryl considera “cruel” e “antinatural”.²³ A atitude dos amigos é criticada por Caryl desde o início de seus sermões em Jó. É verdade que o pregador elogia o silêncio mantido pelos visitantes durante uma semana, como veremos. Contudo, a situação muda sete dias depois, os discursos começam e eles deixam de ser modelo para bons conselheiros.

Vimos que Caryl trata da importância do silêncio quando Jó menciona que outros homens ficavam calados diante de seu conselho. Ironicamente, Jó precisa usar esse argumento enquanto seus amigos passam dias discutindo com ele e ignorando sua defesa. Caryl comenta que “ser um bom orador é um dom muito bom de Deus, mas ser um bom ouvinte é um dom ainda melhor, sim, é uma preciosa graça de Deus”.²⁴ Caryl até compara ouvir com “o ato ou obra da fé” (Rm 10.17), pois “na linguagem das Escrituras, ouvir e crer são a mesma coisa, ou seja,

²⁰ *Ibidem*, p. 366.

²¹ Há uma proveitosa exposição de como esse conceito foi apropriado pelos protestantes nos primeiros capítulos de CLEVELAND, Christopher. *Thomism in John Owen*. Farnham, UK: Ashgate, 2013.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*, p. 246.

²⁴ *Ibidem*, p. 584.

ouvir é crer”.²⁵ Portanto, Caryl implicitamente afirma que os amigos de Jó estavam usando mal o dom que tinham ou, talvez, nem mesmo possuíam o dom de serem bons ouvintes. Com base nisso, Caryl dedica algumas linhas a criticar aqueles que não conseguem se calar. Alguns ficam em silêncio, explica ele, porque não têm nada a dizer; outros não têm nada a dizer, mas sentem a compulsão de falar.²⁶

Por outro lado, saber quando permanecer em silêncio é uma consequência da paciência, pois bons ouvintes devem ter uma disposição ensinável e aguardar seu momento para expressar-se. Como vimos, Caryl não nega que a capacidade da “eloquência da fala ou elocução”²⁷ é um dom de Deus. No entanto, há “tempo de estar calado e tempo de falar” (Ec 3.7), e Zofar acusa Jó de ser um “tagarela” em Jó 11.2. Mesmo que Jó seja o acusado de verbosidade aqui, Caryl apresenta algumas aplicações práticas para aqueles que desejam encorajar, discutir ou aconselhar os outros. Em primeiro lugar, ele critica aqueles que não conseguem conter o fluxo de palavras de sua língua, um “pecado para quem fala e um fardo para os ouvintes”. Mais importante ainda, Caryl apresenta cinco casos em que a verbosidade é pecaminosa: “quando uma multidão de palavras é pecaminosa, ou quando há uma multidão de pecados em uma multidão de palavras”.²⁸

Primeiramente, devemos permanecer em silêncio quando nossas palavras não oferecem nenhum alimento; são superficiais e vãs, e uma multidão delas não significa nada. Em segundo lugar, é pecaminoso “lançar nossas flechas sem mirar no alvo... falar sem abordar o ponto principal”,²⁹ ou seja, evitar respostas diretas ao debate em questão. Em terceiro lugar, quando há o uso de muitas palavras para tratar de um assunto insignificante. Além disso, Caryl argumenta que é pecaminoso falar muito apenas porque alguém ama sua própria voz ou retórica. Por fim, é errado falar uma multidão de palavras sobre um homem ou sobre o próprio Deus. O primeiro caso é muito prático: um homem ficará sobrecarregado com um excesso de palavras sobre si mesmo ou sobre seus negócios. No caso de Deus, a razão também é teológica: a natureza de Deus é infinitamente diferente da nossa, e está além de nossa compreensão. Portanto, “devemos ser muito cuidadosos e deliberados ao falar com Deus e sobre Deus, ou sobre as coisas de Deus”.³⁰ A distância entre Deus e o homem, e a inadequação de nossas palavras, não se devem apenas à nossa condição caída; em vez disso, a distinção intrínseca entre Criador e criatura é a questão fundamental aqui. Assim, Caryl afirma: “Nenhum homem, nem mesmo a língua de um anjo, é suficiente para revelar e desdobrar esses segredos: tal amor, tal bondade estão além das palavras”.³¹

²⁵ CARYL, *op. cit.*, v. 8, p. 582.

²⁶ *Ibidem*, p. 587.

²⁷ CARYL, *op. cit.*, v. 4, p. 3.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Ibidem*, p. 4.

³⁰ *Ibidem*, p. 5.

³¹ *Ibidem*.

Em outro sermão, podemos ver os mesmos princípios aplicados em uma lista de sete momentos para falar e sete momentos para o silêncio. Caryl observa que “quando é tempo de falar, o silêncio é nossa tolice; e quando é tempo de ficar em silêncio, falar é nossa tolice”.³² Primeiramente, Caryl apresenta os momentos apropriados para falar: (a) quando podemos bendizer a Deus ou aos outros; (b) quando devemos vindicar a honra e a verdade de Deus; (c) para aliviar um irmão injustiçado; (d) para instruir o ignorante; (e) para confortar os fracos; (f) para sustentar aqueles que estão em dúvida; e (g) quando é necessário repreender e convencer aqueles que fizeram o mal.³³ Curiosamente, a lista dos momentos para o silêncio é muito mais elaborada do que a anterior, que é apenas um pequeno resumo. Neste caso, Caryl dedica parágrafos inteiros para advertir contra palavras imprudentes. O primeiro item da lista define o tom dos demais pontos: (1) “Nunca é o momento certo para falar até que tenhamos um chamado”.³⁴ Em outras palavras, exceto pelos casos mencionados anteriormente e algumas outras situações, não há necessidade de “sermos intrometidos com nossas línguas... nos assuntos de outras pessoas”.³⁵ Em segundo lugar, (2) deve-se permanecer em silêncio se não estiver “devidamente informado sobre o estado da questão ou do assunto”. É sábio ser “tardio para falar” e até mesmo “expor suas próprias dúvidas”, mas não tirar conclusões precipitadas. Da mesma forma, (3) é necessário estar preparado para falar sobre um determinado tema, mesmo que se tenha domínio do assunto.

O quarto ponto é mais sutil, e Caryl dedica mais tempo a ele. Por tratar-se de um tema que pode levar a uma longa discussão sobre coragem e prudência, faz sentido que receba mais atenção. Caryl argumenta que devemos nos calar quando (4) “o que falamos pode ser um laço para nós mesmos”.³⁶ A questão é que, às vezes, a defesa contra a injustiça ou a heresia pode nos colocar em perigo. Então devemos evitar dizer a verdade? A resposta é que há um perigo maior do que arriscar nossas vidas: a desonra de Deus e o pecado dos homens. No entanto, Caryl qualifica essa resposta, apresentando duas possíveis exceções — quando nossa perda não trará benefício para os outros e quando lidamos com pecadores obstinados. Em outras palavras:

Podemos nos calar ao repreender os homens, 1. Quando não há probabilidade de que o mal que trazemos sobre nós seja equilibrado com qualquer bem proporcional aos outros. 2. Quando esses pecados já foram suficientemente testemunhados, de modo que os homens não pecam por falta

³² *Ibidem*, p. 366

³³ *Ibidem*, p. 366–67.

³⁴ *Ibidem*, p. 367.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

de luz, mas diretamente contra ela. Numa situação como essa, não temos obrigação de correr para nosso próprio perigo. Essa é a regra de Cristo (Mateus 7.6).³⁷

Devemos evitar falar quando (5) as paixões e corrupções estão acesas. “As tempestades na língua nunca são tão oportunas quanto quando há calma no coração”, diz Caryl.³⁸ Não importa se são nossas paixões ou as paixões dos outros que estão exaltadas; devemos “repetir todas as letras do alfabeto antes” de nos envolver em uma discussão.³⁸ Além disso, (6) palavras não devem ser desperdiçadas com aqueles que não podem compreendê-las, como os insanos, os imaturos ou os incapazes de aprender. O ponto não é necessariamente a condição moral da pessoa, mas se nossas palavras serão ignoradas. O próprio Jesus usou esse princípio quando não revelou tudo aos seus discípulos. Finalmente, (7) é sábio permanecer em silêncio quando há o perigo de sobrecarregar alguém, especialmente se a pessoa estiver aflita.

Caryl também acredita que palavras podem ser contaminadas pela ignorância ou malícia, o que as torna particularmente perigosas. Em outro sermão, o pregador emite um alerta: “Em muitas palavras há, geralmente, muitos erros. (...) Aqueles que falam muito correm o risco de pecar muito”.³⁹ Ao nos calarmos, evitamos o erro de acusar alguém inocente e até mesmo de julgar rigidamente quem cometeu o erro de uma falsa acusação. Caryl afirma:

Assim como não devemos julgar um homem como ímpio se ele foi falsamente acusado, também devemos ser muito cautelosos ao julgar um homem como ímpio se ele acusou outro falsamente. Esta é uma era de acusações; a língua e a pena têm feito acusações tão intensas quanto a espada. Mentiroso, herege, cismático, enganador, hipócrita—essas são as armas comuns da nossa guerra em papel. É nosso dever dar uma interpretação branda às censuras rígidas, e mais ainda sermos comedidos em nossos julgamentos sobre os que censuram rigidamente.⁴⁰

Em suma, Caryl entende que o silêncio é expressão de confiança e submissão: “Que os ímpios silenciem seus vãos orgulhos, e os piedosos, seus vãos temores”, ele conclui.⁴¹ A conclusão reforça o que dissera antes: a defesa da

³⁷ *Ibidem*, p. 369.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Ibidem*, p. 9.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 1.

⁴¹ *Ibidem*, p. 6.

verdade — quando mentiras estão sendo espalhadas — é uma exceção em que os crentes não podem permanecer calados.⁴²

3. O SILÊNCIO COMO CONFORTO

O silêncio inicial dos amigos de Jó também é um tema abordado por Caryl. Ele acredita que a semana de total silêncio (Jó 2.13) faz parte de um período formal de luto. No entanto, há mais do que mera cerimônia envolvida na atitude deles. As palavras “pois viam que a dor era muito grande” mostram que Jó estava sofrendo “uma tristeza muito intensa, profunda, grande”.⁴³ Caryl observa que esse tipo de resposta é apropriado para casos como o de Jó, cujo sofrimento era extremo. Ele também menciona que há uma “certa magnificência” ou até uma “pompa” nesse luto, mas, nesse caso, uma “pompa humilde”. Ele acredita que existem algumas ocasiões extremas em que esse silêncio é apropriado porque “quando a dor é muito grande, as palavras trazem pouco alívio, palavras preciosas são desperdiçadas e jogadas fora”.⁴⁴ Portanto, Caryl recomenda que seus ouvintes permaneçam em silêncio se a condição da pessoa visitada envolver dor extrema, que não é apenas física.

Uma das metáforas favoritas para aconselhamento e sofrimento envolve um médico (o conselheiro) administrando o remédio certo (aconselhamento) a uma pessoa doente (a pessoa em sofrimento), mas isso deve ser feito no *momento certo* segundo Caryl. Um bom médico espera o momento adequado para aplicar determinado remédio a um paciente. Da mesma forma, palavras equivocadas podem ser tão prejudiciais quanto um medicamento aplicado na hora errada, pois não há espaço para conforto quando há muita dor. Ironicamente, os amigos de Jó são mais conhecidos por sua falta de simpatia e sua deficiência doutrinária, mas Caryl encontra muitas exortações na passagem em questão:

Deixem que as águas se acalmem um pouco e que os ventos cessem antes de interferirem. Deixem que voltem a si mesmos antes de movê-los. Assim como a raiva repentina, a tristeza repentina é um tipo de frenesi: nenhum médico sábio administrará um remédio durante um ataque. O corpo precisa se estabilizar antes de estar apto para o medicamento, e a mente também; o silêncio é tão eficaz quanto o remédio em certos distúrbios tanto da mente quanto do corpo. Um consolador falante é outra doença para um doente; um conselho inoportuno é uma ferida em vez de um bálsamo e, em vez de curar, tortura o paciente. Saber quando aconselhar um amigo aflito é tão importante quanto saber o que aconselhar.

⁴² *Ibidem*, p. 9.

⁴³ CARYL, *op. cit.*, v. 1, p. 319.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 320.

Salomão nos diz, de maneira geral (Eclesiastes 3.7): “Há tempo de estar calado e tempo de falar.” Permitam-me sugerir um momento específico para o silêncio: a extremidade e o auge da aflição.⁴⁵

Isso também se aplica às nações, pois a palavra dos sábios “pode curar e libertar uma nação” (cf. Am 5.13).⁴⁶ Caryl acredita que “tempo de estar calado” nesse contexto significa ser paciente e esperar até que a pessoa aflita termine seu lamento. Esse é um ponto no qual Caryl insiste várias vezes ao longo de alguns parágrafos — cristãos devem conter suas palavras ou correm o risco de irritar seus ouvintes. Como sabemos, os amigos de Jó acabam se revelando “consoladores miseráveis” com o passar do tempo.⁶

A resposta de Jó e seu primeiro encontro com seus amigos lançam a base para as demais interações. No entanto, Jó é um livro sobre a troca de ideias teológicas e conselhos, de modo que os sermões de Caryl muitas vezes soam como instruções práticas sobre como aplicar a doutrina de Deus à vida diária. Não precisamos analisar exaustivamente todos os versículos que tratam do tema, é apenas necessário examinar algumas características de um bom consolador. Afinal, esse é o principal propósito do plano de Deus para o homem.

Retornando à metáfora do médico, Caryl adverte contra a hipocrisia dos conselheiros ao falarem com aqueles que aconselham. O sermão aborda Jó 5.8 e tem como tema o uso de palavras descuidadas na religião. Uma das aplicações envolve o conselheiro não orientar alguém em uma determinada direção se ele mesmo não estiver disposto a seguir esse conselho. Caryl imagina um médico recomendando um remédio desagradável ao paciente, dizendo: “Senhor, você parece relutante em tomá-lo, mas se eu estivesse doente e perturbado, como você está, eu o tomaria prontamente”.⁴⁷ Caryl acredita que ministros e conselheiros seriam mais persuasivos se deixassem claro que seguiriam suas próprias palavras. Ele conclui: “Nenhum homem deve ensinar algo que ele não esteja disposto (quando chamado) a fazer e observar. É muito pecaminoso dar um conselho que não seguiríamos. Nossas ações devem ser a prática de nossas palavras e tão praticáveis quanto nossas palavras”.⁴⁸ Palavras hipócritas apenas ferem os ouvintes e devem ser contidas.

O volume 12 traz outra reflexão importante sobre como consolar aqueles que sofrem. A Bíblia diz que, após a restauração de Jó, “todos os seus irmãos, todas as suas irmãs e todos os que antes o conheciam... condoeram-se dele e o consolaram de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado” (Jó 42.11). Caryl observa que a ordem aqui é importante porque “nunca podemos

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 321.

⁴⁷ CARYL, *op. cit.*, v. 2, p. 233.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 234.

verdadeiramente consolar os outros até que primeiro sintamos compaixão por eles”.⁴⁹ Ele argumenta que é possível sentir compaixão sem consolar, mas é impossível consolar os outros sem antes sentir compaixão por eles. Os amigos de Jó novamente exemplificam o caso de falar sem trazer conforto.

Uma das formas de aprender a manter-se em silêncio é ativamente ouvir o outro. Este é um dos pontos pastorais aos quais Caryl dedica algumas páginas no volume 7. Na exposição do capítulo 21, onde Jó se queixa da falta de simpatia de seus amigos, a aplicação se concentra no cuidado com os aflitos. O versículo 2 diz: “Ouvi atentamente as minhas razões, e já isso me será a vossa consolação”. O teólogo observa que Jó está apelando para sua relação de amizade, suplicando que seus amigos se calem e ouçam por duas razões: (1) espera-se que os amigos tragam conforto aos seus próximos e (2) é uma obrigação dos amigos confortar seus companheiros; portanto, eles deveriam atender ao seu pedido e deixá-lo falar. Além disso, eles seriam “consolados” ao ouvir a perspectiva de Jó sobre os acontecimentos recentes.⁵⁰ Com esse contexto, Caryl apresenta duas características de bons ouvintes: primeiro, eles devem ser mansos e calmos. Um espírito inquieto não consegue ouvir atentamente seus amigos, pois será dominado por paixões ou preconceitos. Segundo, um bom amigo e ouvinte deve ser paciente, alguém que “ouve tudo até o fim do que é dito”.² Essa pessoa paciente se satisfaz em permitir que seu próximo fale e não o interrompe com respostas inoportunas.

Caryl reconhece que ouvir bem não é fácil, mesmo que pareça ser. O advérbio “atentamente” tem implicações que ele resume em alguns pontos. Em primeiro lugar, ele descreve a escuta como uma ação natural, moral e espiritual. Naturalmente, ouvimos, mas devemos também ouvir com atenção quando há instrução e aprendizado. Mais importante ainda, ouvir como uma obra espiritual exige mais esforço do que os dois primeiros aspectos. As categorias de audição comum incluem absorver o que é dito, compreender e “fazer um esforço de afeição”.⁵¹ Acima de tudo, a audição espiritual deve incluir “uma obra da graça em nós”.⁵² Ouvir sem ter graça é semelhante ao solo pedregoso da Parábola do Semeador: compreende-se e recebe-se a palavra com alegria, mas sem consequência espiritual. Um bom ouvinte espiritual deve internalizar o que lhe é dito, tornando-se assim um amigo diligente.

Uma das razões para evitar a multiplicidade de palavras é o risco de julgar injustamente uma pessoa inocente. O outro lado dessa verdade é que os conselheiros devem ter paciência e misericórdia para ouvir o próximo. Atribui-se a Walt Whitman a máxima “Não julgue, seja curioso”, e o conselho de Caryl aqui

⁴⁹ CARYL, *op. cit.*, v. 12, p. 967.

⁵⁰ CARYL, *op. cit.*, v. 7, p. 610.

⁵¹ *Ibidem*, p. 613.

⁵² *Ibidem*.

pode ser visto como precursor dessa ideia. O teólogo inglês afirma que os seres humanos estão mais inclinados a “julgar e censurar os outros” do que a ouvi-los. Os amigos de Jó são culpados desse erro, pois “foram rápidos em censurá-lo e responder-lhe (...) e em repreendê-lo”.⁵³ Em outras palavras, sua prontidão para falar os levou a ignorar o clamor por ajuda de seu amigo. Nesse contexto, Caryl afirma: “É um conforto para qualquer homem, especialmente para um homem aflito, ser ouvido diligente e pacientemente”.⁵⁴ Há duas razões que justificam essa afirmação:

[1] Não é um pequeno conforto quando suas súplicas ou petições são ouvidas por um homem. Se uma criatura pobre e aflita apresenta sua petição a alguém em posição de poder, e consegue que ela seja recebida e ouvida, ele se alegra: “Minha petição foi ouvida...” [2] Quando os aflitos falam, eles aliviam suas dores, e quando são ouvidos, isso lhes traz alegria. Embora ser ouvido não seja formalmente um consolo, há nele, de maneira indireta e eficaz, muito conforto. (...) É consolado aquele que é ouvido, ou é como se confortássemos ao ouvi-lo”.⁵⁵

Seria possível mencionar outros exemplos de Caryl elogiando aqueles que sabem se calar no tempo do ficar calado e falar no tempo de falar. Porém, não multipliquemos mais as palavras. Como o próprio Caryl diz, “a tagarelice [é] desagradável em todos os tempos”.⁵⁶ Em conclusão, podemos notar que o puritano nos apresenta um conselheiro cuidadoso, que prefere ouvir diligentemente antes de emitir um julgamento. Sua ênfase no falar e no ouvir também reflete sua visão reformada. Afinal, em sua opinião, ao ditado contemporâneo, “o ouvido”, não o olho, “é o principal portão ou entrada para a alma”.⁵⁷ Homens e mulheres são seres visuais, mas a verdadeira comunicação acontece pela voz... ou pelo silêncio.

CONCLUSÃO

Diante do que foi analisado, vimos como Joseph Caryl desenvolve o tema do silêncio a partir do livro de Jó, explorando suas diferentes manifestações. Examinamos como ele trata o silêncio no relacionamento entre seres humanos, dividindo sua exposição em três aspectos principais — para Caryl, o silêncio não é apenas ausência de palavras, mas uma expressão profunda de reverência,

⁵³ *Ibidem*, p. 614.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 617.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 617–18.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 620, 622.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 501.

prudência e compaixão no convívio humano. Este artigo apenas toca superficialmente a obra do pregador inglês; por outro lado, ele oferece uma pequena introdução a Caryl como pastor e conselheiro, não mera curiosidade ou lição de moral histórica. Ao percorrer algumas de suas exposições, temos um vislumbre de seu ministério, alguém que compreendia as complexidades da alma e a necessidade de equilíbrio entre falar e calar. Sua abordagem pode ser instrutiva para aqueles que buscam exercer ministério com discernimento e compaixão.

ABSTRACT: Joseph Caryl (1602–1673), a Puritan minister and member of the Westminster Assembly, preached on the book of Job for over twenty years. Among the many topics addressed in his sermons, one recurring theme is the wisdom in the use of words and silence in relation to others. By examining selected sermons in which Caryl discusses this topic, the author proposes that three general subthemes emerge, reflecting the Puritan’s perspective on the matter: silence as respect, silence as virtue, and silence as comfort. In doing so, this study seeks to present Caryl within his historical context, functioning as both a pastor and a counselor.

KEYWORDS: Puritanism; Westminster Assembly; Pastoral Theology; Counseling; Job.